

Pelos quintais da infância: memórias de um brincar livre na história de Vilhena-RO

Autoras:

Vera Lucia Aquino Boing

Graduanda em Pedagogia, Bolsista Voluntária PIBIC/UNIR, Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Josiane Brolo

Doutora em Educação, professora da Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Resumo

Esta pesquisa busca compreender a infância e suas especificidades na história de Vilhena-RO, com vistas a produzir conhecimento sobre a criança e o brincar enquanto meio de produção cultural, social e espaço formativo de aprendizagens. A pesquisa possui caráter qualitativo, de cunho historiográfico e como instrumentos de pesquisa utilizou-se das fontes históricas como fotografias publicadas em acervos públicos digitais e narrativas da História Oral, construídas junto à sujeitos que viveram as experiências da infância no contexto histórico pesquisado. Como resultados é possível compreender o quanto a infância produz historicamente uma cultura que lhe era própria, em especial pela ação do brincar e o quanto as crianças se fazem autoras de suas próprias histórias e da história construída em coletivo.

Palavras-chave: Culturas Infantis. Crianças. Brinquedos. brincadeiras

DOI: 10.58203/Licuri.20904

Como citar este capítulo:

BOING, Vera Lucia Aquino; BROLO, Josiane. Pelos quintais da infância: memórias de um brincar livre na história de Vilhena-RO. In: FEITOZA, Denise Magalhães Azevedo (Org.). **Pesquisas e saberes em Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 187-203.

ISBN: 978-65-85562-08-9

INTRODUÇÃO

Ao trilharmos a história da migração do povo brasileiro para a região Norte do país, é possível compreender as estratégias do Estado para exploração econômica de terras amazônicas e ao mesmo tempo para a defesa de fronteiras agrícolas. Na cidade de Vilhena-RO não fora diferente: trata-se de um processo migratório estimulado pelo governo militar para a ocupação dos espaços amazônicos, com o interesse maior de agregar tais espaços à economia nacional.

Nesse movimento de migração, intensificado a partir da década de 1950, compreendemos diversos momentos de negligências do Estado, em relação às estruturas mínimas que garantissem a sobrevivência dos migrantes: saúde, infraestrutura de estradas, moradias, alimentação e educação eram prometidas, mas, no cotidiano real a situação era bem diferente e sofrida por muitas migrantes que deixaram sua terra de origem em busca de um futuro mais promissor.

É nesse cenário que esta pesquisa se entrelaça, com um olhar para as memórias da infância, do brincar, do produzir artesanalmente os brinquedos, de forma a pensar as culturas infantis juntamente com a constituição da cidade de Vilhena, localizada na região amazônica, durante o processo de ‘colonização recente’ de Rondônia, tendo como delimitação temporal os anos de 1960 a 1980. O recorte temporal do estudo, 1960 a 1980 está diretamente relacionado à contextualização histórica da região.

Desse modo, acreditamos que os moradores da cidade do agora, crianças-migrantes num tempo e espaço passado, testemunhas vivas desse processo rápido de mudanças e, ainda moradores dessa cidade, protagonizaram experiências de infância e são merecedoras de serem ouvidas, conhecidas e reapropriadas em um fazer científico. Assim, a relevância desta pesquisa se justifica, pela possibilidade de analisar a História da Infância, produtora de uma cultura específica a partir de suas especificidades: brincar e produzir brinquedos (ROHDEN, 2019).

Assim, a pesquisa buscou conhecer a produção sociocultural das crianças a partir do brincar e das relações construídas nesse processo.

METODOLOGIA

Essa pesquisa qualitativa, possui caráter historiográfico, o que de acordo com os apontamentos de Certeau (1982), trata-se de um percurso metodológico que se preocupa com a articulação da realidade investigada e a escrita que se fará da história, chamado pelo autor de Operação Historiográfica.

Nesta proposta de trabalho, o método historiográfico se configurou como sendo um campo de produção de conhecimentos, como demonstrado por Maria Stephanou e Maria Helena Câmara Bastos (2009), uma vez que a história se alimenta de teorias explicativas e de fontes que se constituem indícios, vestígios e pistas que nos ajudam a compreender as ações humanas no tempo e no espaço.

Assim, buscamos à princípio fontes documentais disponíveis nos arquivos digitais e físicos: fotos e outros registros que apontassem caminhos de análises para conhecermos o brincar, os brinquedos, a infância em Vilhena no período investigado e que pudesse dialogar com os objetivos que se pretendia alcançar. Também, entrevistas com migrantes que vivenciaram suas infâncias no processo histórico pesquisado foram realizadas para buscar contribuir no entendimento das experiências humanas passadas, a partir dos procedimentos da História Oral.

Para Alberti (2018, p. 52), a História Oral é um método de pesquisa que pode ser aplicado principalmente junto a pesquisas de caráter histórico, antropológico e sociológico que tem como coleta de dados a entrevista com sujeitos que testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo e tantos outros.

Deste modo, foram realizadas entrevistas a partir do método de História Oral a fim de construir dados que pudessem auxiliar a alcançar os objetivos da pesquisa. Assim, a realização das entrevistas se deu entre os dias 10 de junho de 2022 a 10 de agosto de 2022, o total de entrevistados foram 5 pessoas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Além disso, utilizou-se de outras narrativas orais de migrantes que vivenciaram a infância no lócus de investigação, disponíveis em acervo próprio do Grupo de Pesquisa o qual esse trabalho faz parte. E, para preservar a identidade dos sujeitos que contribuíram para a construção deste trabalho iremos denominá-los no decorrer do texto como Entrevistado 1, 2, 3, 4, 5 e assim sucessivamente.

Contudo, as contribuições teóricas que deram suporte à pesquisa foram: Brougere (2000, 2008), Corsaro (2012), Friedmann (2011, 1992), Rohden (2019), Sarmiento (1997, 2000, 2003) e Vieira (2019). Ainda, para o entendimento do *lócus* histórico investigado, autores regionais como Brasil (2000), Gomes (2012), Martins (2017), Roquete-Pinto (1996), subsidiaram a pesquisa.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO LÓCUS DE PESQUISA: A CIDADE DE VILHENA- RO

O município de Vilhena, está localizado na parte Sul do estado de Rondônia, teve sua história marcada no início do século XX, por volta de 1910, sendo marcado por dois grandes momentos: o primeiro foi as linhas telegráficas estendidas pela Comissão Rondon; o segundo foi a ocupação efetiva e desenvolvimentos trazidos pela construção da Rodovia BR 029, atual BR 364, que influenciou centenas de migrantes que buscavam um futuro melhor para suas famílias.

A missão de Rondon oficialmente decretada pelo então Presidente Afonso Augusto Moreira Pena em 1907, tinha como objetivo abrir estradas, construir linhas telegráficas e fundar cidades, entre elas está a cidade de Vilhena, que teve o nome escolhido pelo próprio Rondon que quis homenagear Álvaro Coutinho de Melo Vilhena, engenheiro chefe da Organização da Carta Telegráfica Pública. A linha telegráfica em construção, partia da Região Centro Oeste, especificamente de Mato Grosso ao vale do Rio Madeira e tinha como pretensão possibilitar acesso para o Acre, a Purus e a Juruá, como também a Manaus.

Posteriormente, o processo migratório acentuado na cidade de Vilhena-RO como em outras cidades do estado de Rondônia se deu especialmente entre os anos de 1960 até os anos 1980, ocasionado pelo processo de interiorização da Amazônia, fomentada pelo governo militar brasileiro em tal momento histórico.

A formação social e cultural do município de Vilhena é dada pelo encontro entre os povos: os que já na região viviam (os povos tradicionais) e pelas pessoas que se deslocaram de diversos lugares para ocupar geograficamente o *lócus* investigado. O município que inicialmente era apenas um vilarejo, estava em constante crescimento com a chegada de novos migrantes vindos de diferentes lugares do país. Eles passavam meses viajando até

chegar na cidade que se formava, e na maioria das vezes eram famílias que tinham muitos filhos.

Nesse cenário de colonização e migração estavam também as crianças, sujeitos estes que não tem suas histórias contadas pela História Oficial, tampouco o reconhecimento enquanto sujeitos históricos, sociais, produtores de cultura. Deste modo, este trabalho busca a visibilidade das crianças que também participaram deste processo, valorizando e reconhecendo as culturas infantis.

PELAS VOZES DOS MIGRANTES: MEMÓRIAS DE UM BRINCAR LIVRE

Nas narrativas dos entrevistados, verificamos que entre as décadas de 1960 a 1980, período em que o município de Vilhena estava se constituindo, as crianças não tinham muito espaço para brincadeira dentro da escola, devido o rigor e a disciplina que era exigido na época de um ensino enfaticamente tradicional. A escola possuía uma visão restrita do brincar enquanto espaço que construía relações sociais, que produzia cultura e que também podia ensinar.

No entanto, percebemos que as brincadeiras aconteciam principalmente nos espaços não escolares: na rua, nos quintais de casa, nos riachos da cidade, nos encontros familiares. As memórias dos entrevistados, retratam um brincar livre e promotor de relações das crianças com seus pares e com adultos.

Também, constata-se pela pesquisa, que se tratava de um brincar mais conectado com a natureza e com a invenção dos próprios brinquedos a partir de restos, sobras, latas e qualquer outro material que nas mãos da criança se transformava em brinquedo (ROHDEN, 2019). As crianças brincavam com o que tinham e transformavam todo e qualquer artefato em brinquedo ou mesmo, utilizavam-se de qualquer ocasião para criar possibilidades de brincar.

De acordo com Rohden (2019) no que se refere ao brinquedo, entende-se que esse instiga a brincadeira ao abrir possibilidades de criação, de invenção. Para Agamben (2005) o brinquedo contém uma essência histórica, há nele uma materialização da historicidade contida nos objetos, qual é possível de se extrair a partir de sua manipulação. Para o autor, o brinquedo desmembrando e distorcendo o passado ou miniaturizando o presente, joga tanto com a diacronia quanto com a sincronia e então, “presentifica e torna tangível

a temporalidade humana em si, o puro resíduo diferencial entre o uma vez e o agora não mais” (AGAMBEN, 2005, p.87).



Figura1. crianças com seus brinquedos inventados.

Fonte: Memória Vilhenense (2022).

De acordo com um dos depoentes, ele relata que devido não ter disponível uma grande variedade de brinquedos industrializados, as crianças produziam os seus próprios, com a ajuda dos colegas. Nos depoimentos dos entrevistados foi possível perceber que as brincadeiras eram recheadas de criações, onde as crianças experimentava fazer o novo, cada um à sua maneira:

[...] A gente produzia porque não existiam tantos brinquedos assim disponíveis. A gente mesmo confeccionava e não era nem tanto assim por causa dos pais, era por causa dos coleguinhas mesmo, alguns que já tinham mais experiências explicavam como fazia e a gente ia desenvolvendo carrinhos de corrida, com latas de óleo. Antigamente não existia muito material descartável, então, a gente usava as latas do óleo de soja: quando

terminavam o óleo de cozinha, a gente abria as latinhas e fazia os carrinhos, fazíamos os recortes das rodinhas com chinelos velhos, A gente brincava também de cavalo com lata de leite ninho, a gente fazia um furinho e colocava o barbante, brincava com as latinhas para deixar as marcas na terra como se tivesse passado ali a cavalo, então assim a nossa criatividade. (ENTREVISTAO 3, Depoimento 05/08/2022).

Na narrativa de uma Entrevistada, as crianças participavam da sociedade e juntas construíram suas culturas: as culturas infantis, onde a brincadeira se fazia esteio:

[...] nos reuníamos na rua para brincar de pique-esconde, *bets* e íamos no rio tomar banho, era nossa alegria. Confeccionávamos carrinhos de rolimã: a gente pegava uma tábua e essa tábua servia também para brincarmos no rio, brincávamos de peteca, fazíamos bonecas de milho, a gente pegava os milhos na roça e fazia as bonecas e brincávamos. Uma brincadeira que tinha na época era pegar as câmaras do pneu quando estourava e levá-las no riacho para brincar como se fosse uma boia, tudo o que a gente podia usufruir para tornar uma brincadeira na época a gente usava (ENTREVISTADA 2, Depoimento 20/06/2022).



Figura 2. Brincadeira de banhos de rio. Fonte: Memória Vilhenense (2022)

Outra brincadeira que se costumavam fazer era esconde-esconde. Segundo (VIEIRA, 2019, p.53), “Esconde-esconde, é uma brincadeira que se realiza, geralmente, em locais que permita aos participantes se esconderem em segurança. Os participantes podem ser de ambos os sexos”. Essa era a brincadeira que de acordo com os relatos, as crianças gostavam de brincar quando se reuniam em grupo com as crianças do bairro, em especial quando anoitecia. De acordo com o entrevistado:

Tinham brincadeiras em grupo tipo esconde-esconde, mas era muito complicado fazer isso porque geralmente a gente gostava de fazer essa brincadeira no início da noite e os pais aqui em Vilhena não gostavam que a gente ficava brincando durante a noite (ENTREVISTADO 1, 2022).

Também, outra brincadeira citada foi a brincadeira de “jogar peteca”, para (VIEIRA, 2019, p.72) “esta brincadeira apresenta várias maneiras de ser realizada: pode ser um triângulo, buraco ou círculo. Pode ser jogada em dupla, trio ou mais pessoas.”. Nas narrativas de uma das migrantes, destacamos: “tinha também a peteca que a gente criava, às vezes não tínhamos dinheiro para comprar, então juntava-se camiseta velha e um monte de outras coisas e fazia a peteca ou uma bola de meia, era a nossa brincadeira” (ENTREVISTADA 5, 2022).

Ainda, fora mencionado a brincadeira de “Bola de gude”, que, de acordo com os relatos, era uma brincadeira que os meninos costumavam brincar. Devido os migrantes ser originários de lugares diferentes, essa brincadeira tinha um nome para cada criança, nos relatos alguns entrevistados chamaram de “Bola de gude”, outros de “Bolita” e outro de “Burquinha”. Para essa brincadeira, havia até competição entre os meninos, que segundo o Entrevistado 3, “Eles faziam o “Bulico” que se faz 7 buracos no chão, 4 de um lado e 3 do outro, faziam uma linha e aquele que acertasse o bulico podia jogar novamente até acertar todos os bulicos ao final, aquele que tivesse acertado mais vezes ficava com todas as “Bolitas” que estivessem nos bulicos.” (ENTREVISTADO 3, 2022).

Nas narrativas do Entrevistado 1, destaca-se que nas escolas tinha até um espaço que era reservado para as crianças brincarem de bola de gude, porém havia um certo cuidado, em razão das crianças menores:

[...] Outra brincadeira era a bolinha de gude, a escola não proibia muito mas, evitava por causa das crianças menores mas, para os maiores tinha um espaço na escola para os alunos jogar bolinha de gude, Tinham várias técnicas, tinha um que vai jogando e fazendo os buraquinhos e vai ganhando, tinha outro que colocava a bola principal, que é a maior e quem acertasse nela ou chegasse mais próximo, ganhava toda a reserva.(ENTREVISTADO 1, 2022).

O Entrevistado 1, ainda relata sobre a brincadeira “Escravo de Jó”, segundo ele: *essa brincadeira nós jogávamos cantando a música escravo de Jó, mas não aquela que brinca em roda, a gente brincava com as pedras. Jogávamos com 5 pedras e com uma mão íamos fazendo os desafios.* No texto Brincadeira regionais (VIEIRA, 2019, p. 54), essa brincadeira “Escravo de Jó é uma cantiga de roda clássica comumente realizada com a utilização de um pequeno objeto que deve ser passado de um membro a outro ao ritmo da música.

Entende-se nesse ponto que a brincadeira, o jogo, por ser transmitido de forma expressiva de uma geração a outra ou aprendida nos grupos infantis, na rua, nos parques, escolas, festas etc., e incorporada pelas crianças de forma espontânea, variando as regras de uma cultura a outra (ou de um grupo a outro); muda a forma, mas não o conteúdo da brincadeira; o conteúdo refere-se aos objetivos básicos da brincadeira; a forma é a organização da brincadeira no que diz respeito aos objetos ou brinquedos, espaço, temática, número de jogadores etc (ROHDEN, 2019).

Outra brincadeira mencionada era de “Pular elástico” que, de acordo com depoimento da Entrevistada 2 *Pegavam o elástico e amarravam um na ponta do outro e iam pular elástico.* Já a Entrevistada 5, conta que foi quando chegou no município de Vilhena que passou a conhecer essa brincadeira, relatando que *tinha uma brincadeira bem diferente que eu não conhecia na escola de onde eu vim, brincava-se muito entre as meninas, o pular elástico.*

Também, havia a brincadeira da “Queimada”, que era um jogo que frequentemente as crianças brincavam tanto na escola quanto nas ruas de suas casas. No trecho do depoimento de uma migrante a mesma relata que havia até campeonato de queimada na escola e tudo era organizado pelas próprias crianças, informando que *Nas escolas a gente fazia torneio de queimadas, na época a gente combinava: vai todo mundo de shorts azul*

e camiseta branca e já era um uniforme, a gente se organizava. Entendemos nesse destaque, que as crianças assim como todos os atores sociais, são capazes de se auto-organizar, formular regras, valores, normas, o que caracteriza a infância como uma categoria social, produtora de uma cultura própria. De acordo com Javeau (2005, p. 3) “como os outros grupos sociais, as crianças arranjam suas existências cotidianas com os meios que podem. Esses meios lhes são dados pelos dispositivos de socialização que lhes são impostos ou propostos”.

Outra brincadeira bastante mencionada era o “Telefone sem fio”. Para Vieira (2019), “Telefone sem fio”, era uma brincadeira que tinha várias possibilidades de brincar “Podia-se brincar de “telefone sem fio” em círculo ou em filas. Se organizado em fila, os componentes se sentam ou ficam de pé próximos uns dos outros de modo que a mensagem possa ser repassada silenciosamente no ouvido de um membro ao outro” (VIEIRA, p. 86, 2019). No relato da Entrevistada 2, ela menciona que era uma brincadeira que elas confeccionavam usando latas e barbante, onde disse: *eu lembro que a gente pegava as latinhas, fazia um buraco nelas e amarrava com o fio, para brincar de telefone sem fio.*

Na sequência deste inventário das brincadeiras, havia também o jogo de “Bets”, que se caracteriza como uma brincadeira cujo nome pode variar dependendo da região, em alguns lugares do país se conhece por “Tacos”, em outros se conhece por “Salve a latinha”, no entanto, na região Norte é conhecida por “Bets”. Essa brincadeira era bastante comum para as crianças da época. O Entrevistado 1, conta com detalhes como era feita a brincadeira, relatando que: *Outra brincadeira na época para a criançada de Vilhena era brincar na rua, eles brincavam muito, tinha uma brincadeira que usava 2 latas, uma de cada lado e 2 estacas de madeira e uma bola, o nome da brincadeira era bets.* Ainda, no trecho do depoimento do Entrevistado 3, ele relata que todos queriam brincar de *bets* e, por ter bastante crianças na vizinhança, todos faziam de tudo para não perder a jogada, pois quem perdesse passaria a vez para o próximo.

No depoimento de outra migrante que também vivenciou a infância no município de Vilhena, nos deparamos com relato sobre as produções dos brinquedos que as crianças criavam, como também das separações de gênero fomentadas pela época em dividir meninos e meninas. No trecho citado, percebemos a ênfase da manutenção de uma sociedade patriarcal, onde o que é designado para a mulher, desde criança é o cuidado do lar e a responsabilidade da criação dos filhos:

[...] eu lembro que os meninos faziam os carrinhos de rolimã, eles faziam sozinhos, eles mesmos fabricavam os carrinhos de madeira, eles pegavam os pauzinhos e iam cortando com facão e iam fazendo. Já as meninas faziam roupinhas para boneca, as mães ajudavam, davam um kit para a gente e ensinavam a costurar uma blusinha. E a gente tinha um bonecão, era um bonecão de um plástico, bem leve, mas imitava muito um bebê e as mães ensinavam a gente a fazer roupinha de um tecido velho, brincávamos muito de casinha, de fazer as casinhas, as mães às vezes compravam um joguinho de panela daqueles de plástico e a gente fazia as casinhas e as repartições. (ENTREVISTADA 5, Depoimento 10/08/2022).

Ainda, constatamos de acordo com os relatos, que as crianças de sexos diferentes não podiam ficar por muito tempo próximas e eram pelas brincadeiras que elas encontravam meios para se aproximarem, meninos e meninas. Nesse contexto, entendemos o quanto a questão da separação de gênero sempre preponderou as relações sociais, dividindo meninos e meninas de conviverem e de aprenderem juntos.

Em outra narrativa, a entrevistada relata que logo que chegou em Vilhena, não havia muitas crianças por se tratar do período bem inicial, ano de 1975 e, como na época ela já estava entrando na adolescência precisava trabalhar para ajudar a família e então, não sobrava muito tempo para brincar, mas, que sempre que sobrava um tempinho se juntava com outras crianças para brincar na rua ou no quintal da casa.

[...] Eu cheguei aqui por volta de 1975, só que na época, no meu caso a gente não tinha muito tempo para brincar, era mais trabalho, mas, os horários que a gente tirava pra brincar era brincadeira de roda e passa anel. Na escola também tinha muita pecinha de teatro e às vezes a gente participava, as músicas era a ciranda cirandinha, o cravo brigou com a rosa, brincadeira de pular amarelinha, de rouba bandeira e brincava de caiu no poço (ENTREVISTADA 4, Depoimento 09/08/2022).

De acordo com a Entrevistada citada, a brincadeira de “Passa anel” tinha uma canção especial que dizia: *pega esse anelzinho guarda bem guardadinho e não dá pra ninguém*. Entendemos nesse depoimento, o quanto a brincadeira promove as brincadeiras folclóricas, com a criação das parlendas e cirandas que passam de geração para geração.

De acordo com os dados da pesquisa foi possível verificar que mesmo em meio as diversidades e dificuldades que ocorriam durante o processo de colonização, as crianças criavam e recriavam sua própria cultura, seus brinquedos e suas brincadeiras.

Como afirma (BROUGÈRE, 2008, p. 59), “a brincadeira é, entre outras coisas, um meio de a criança viver a cultura que a cerca, tal como ela é verdadeiramente, e não como ela deveria ser”, nesse sentido é possível perceber nas narrativas dos entrevistados tudo que era sucatas ou restos podiam se tornar um brinquedo, segundo Friedmann (2011), cada um reproduz e incorpora elementos das diversas culturas:

[...]A cultura infantil é um tecido de fios diversos: da cultura da família da mãe, da cultura da família do pai, da cultura criada por cada criança a partir da sua natureza, da cultura da escola, da cultura dos seus grupos. Cada ser humano “carrega” uma cultura que irá se misturar com as outras. Cada um “herda”, reproduz, adentra e incorpora elementos das diversas culturas. (FRIEDMANN, 2011, p. 64).

Nesse sentido, podemos perceber que as culturas produzidas pelas crianças entre as décadas de 1960 a 1980, se misturava com as culturas diversas entre seus pares e nas relações com adultos. De acordo com Vieira (2019), as brincadeiras tradicionais perpassam as culturas de pais, mães e avós para as crianças - “A cultura presente nas “brincadeiras populares” não é só um conjunto de modos de vida, mas também de práticas que expressam significados que permitem aos grupos humanos, regular e organizarem todas as relações sociais.” (VIEIRA, 2019, p. 19).

Contudo, compreendemos nesse inventário, que as brincadeiras tinham um papel de refletir o sentido que a criança atribuía à imagem da sociedade e a forma como as crianças significavam àquele contexto. Ao brincar, a criança se apropriava de elementos culturais presentes no meio qual estava inserida, ela não se encontrava fielmente diante do mundo real, mas de uma imagem cultural; ao manipular os brinquedos, ela manipulava significações culturais originadas numa determinada sociedade (BROUGÈRE, 2000, p. 43). Como explicado por Friedmann (1992, p. 26): “A brincadeira constitui-se, basicamente, em um sistema que integra a vida social das crianças”.

De acordo com Sarmiento (2003) “entre as formas culturais produzidas e fruídas pelas crianças, consideraremos fundamentalmente os jogos infantis, cuja memória histórica da sua construção se perde no tempo e que são hoje um patrimônio preservado e transmitido pelas crianças” (SARMENTO, 2003, p. 7). Nos relatos dos migrantes que vivenciaram a infância em Vilhena foi possível reafirmar a inferência do autor supracitado e compreender a necessidade de registrar o patrimônio histórico e cultural produzido pelas crianças quando brincam.

Contudo, enfatizamos que as brincadeiras, os jogos, os brinquedos, eram criados pelas crianças e seus pares, configurando sua produção cultural que se distinguia dos adultos. As infâncias investigadas possuíam suas próprias maneiras de pensar, de compreender o mundo e dar significados à ele. Disto isso, concordamos com Cohn (2005) quando menciona que:

as crianças não são apenas produzidas pelas culturas, mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos aquelas elaborações pelos adultos; as crianças tem autonomia cultural em relação ao adulto.”(COHN,2005, p. 35).

Diante do exposto, entende-se ao longo da história que o brincar foi concebido como ação puramente de ócio, como uma atividade sem seriedade e muitas vezes negada pela própria escola, como algo secundária, sem importância ou mesmo indiferente. No entanto, compreendemos nesse trabalho o brincar como produção cultural e espaço formativo e educativo, como uma prática da experiência. Experiência, aqui concebida como algo que perpassa o tempo, que transgride do instante único vivido do jogo, do brinquedo e da brincadeira (ROHDEN, 2019), experiência que nos faz humano e que mais que uma ação desenvolvimentista ou pedagógica, precisa de um olhar para sua visibilidade social e cultural no fazer das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou discorrer numa vertente historiográfica, recorrendo às fontes históricas e narrativas de memórias de migrantes que vivenciaram suas infâncias no processo de colonização de Vilhena. As narrativas orais, mediadas pela memória, permitiram que os sujeitos de pesquisa reelaborassem suas vivências individuais e coletivas. Diante disto, trabalhar com narrativas, como destaca Vidal (1998, p. 10), permitiu “o reconhecimento dos imperativos do presente na construção das narrativas de memórias e o próprio dinamismo do recordar lançam o desafio de refletir sobre a memória como um artefato histórico”.

Os resultados alcançados permitem compreender o quanto a infância historicamente produz uma cultura que lhe era própria, em especial pela ação do brincar e produzir brinquedo, o quanto as crianças se fazem autoras de suas próprias histórias, e da história construída em coletivo, o quanto as crianças que não aparecem nos ‘feitos’ ditos pela História Oficial, eram sim, coautoras de um cotidiano marcado pela invenção e reinvenção do cotidiano (Cf. ROHDEN, 2019).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: Destruição da experiência e origem da história**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2018.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BRASIL, P. **Vilhena conta sua História**. Vilhena: Gráfica Delta, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2002.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2000.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 7 ed., São Paulo: Cortez, 2008. (**Coleção questões da nossa época, v. 43**)

- BURKE, P. A. **Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.** Trad. N. Odalia. 4. reimp. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História. Tradução de:** Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. _____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.**v.1, 4a ed. Petrópolis: Editora Vozes. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 1998.
- CORSARO, William A. **Sociologia da infância.** Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. 2a ed. São Paulo: Artmed, 2011.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Zahar. 2005.
- FRIEDMANN, Adriana. **O Direito de brincar: a brinquedoteca.** São Paulo: Scritta; ABRINQ, 1992.
- FRIEDMANN, Adriana. **Paisagens infantis: uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças.** São Paulo, 2011.
- GOMES, Emmanoel. **História e Geografia de Rondônia.** Vilhena: Express Ltda, 2012.
- JAVEAU, Claude. **Criança, infância (s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância?.** Educação & Sociedade, v. 26, p. 379-403, 2005.
- KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.** São Paulo: Cortez, 1998.
- MARTINS, Helen Arantes. **Os modos de lembrar e contar: memórias de uma escola no Município de Vilhena/RO (1960-1980).** Cáceres: PPGedu/UNEMAT, 2017.
- MARTINS, Helen Arantes; ZÓIA, Alceu. **Memórias (Auto)Biográficas de Infâncias: os Vestígios da escolarização no município de Vilhena/RO (1960-1980).** *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 03, n. 08, p. 672-685, maio/ago. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328156101_Memorias_autobiograficas_d_e_infancias_os_vestigios_da_migracao_e_da_educacao_no_municipio_de_Vilhena-RO_1960-980 Acesso em 20 de set. de 2020.
- ROHDEN, Josiane Brolo. **Memórias Crianceiras e seus despropósitos: uma investigação histórico-poética do brincar-bricoleur de meninos e meninas do/no m/Mato.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT: Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGÉ. Cuiabá:UFMT, 2019.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Rondônia.** Brasiliana; 1996.

PERES, Sonia Maria Zanezi. Maurice Halbwachs. **E a memória coletiva E individual**. Revista Missioneira, v. 23, n. 2, p. 71-78, 2021.

PINTO, Edgar. **Rondônia**. Brasileira:1996.

SANTOS, Elisa Duque Neves dos. **Manoel de Barros: peregrinação da poesia por um conhecimento natural**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos da Literatura) 222f., Niterói, RJ: UFF, 2015.

SARMENTO, M. J. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **A Infância e o Trabalho: A (Re) Construção Social dos “Ofícios da Criança”**. In Fórum Sociológico, 3/4 (II Série): 33-48, 2000.

SARMENTO, Manuel Jacinto; Pinto Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In M. Pinto e M. J. Sarmento (Coord.), *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Camara. **História, Memória e História da Educação**. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Camara (Orgs.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. III - Século XX. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 416-429.

THOMPSON, P. **A voz do passado - História Oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. **De Heródoto ao gravador: Histórias da História Oral**. In: *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória Unicamp*. N. 01, São Paulo: Papirus, 1990.

VIEIRA, Cláudia Maria da Silva. **Brincadeiras Populares: um resgate da cultura do brincar**. / Organização Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. _ São Luís: EDIFMA, 2019.

Depoimentos:

MIGRANTE 1. Entrevista concedida no dia 10/06/2022 em Vilhena-RO, duração: 02 h 1 min 7 segs. Entrevistado por: Vera Lúcia Aquino Boing e Jaqueline Souza Silva.

MIGRANTE 2. Entrevista concedida no dia 20/06/2022 em Vilhena-RO, duração: 01 h 34 min 17 segs. Entrevistado por: Vera Lúcia Aquino Boing e Jaqueline Souza Silva.

MIGRANTE 3. Entrevista concedida no dia 05/08/2022 em Vilhena-RO, duração: 53 min 82 segs. Entrevistado por: Vera Lúcia Aquino Boing e Jaqueline Souza Silva.

MIGRANTE 4. Entrevista concedida no dia 09/08/2022 em Vilhena-RO, duração: 20 min. 57 segs. Entrevistado por: Vera Lúcia Aquino Boing e Jaqueline Souza Silva.

MIGRANTE 5. Entrevista concedida no dia 10/08/2022 em Vilhena-RO, duração: 01 h 02 min e 57 segs. Entrevistado por: Vera Lúcia Aquino Boing e Jaqueline Souza Silva.